



O FISCULTURISMO DE MULHERES NO BRASIL NA PERSPECTIVA JORNALÍSTICA (1978 - 1999)

WOMEN'S BODYBUILDING IN BRAZIL FROM A JOURNALIST PERSPECTIVE (1978 - 1999)

Angela Caroline Giacomitti Cardoso Miola*

Universidade Federal do Paraná – UFPR

 <https://orcid.org/0009-0008-0014-7551>

angela.giacomitti@hotmail.com

André Capraro**

Universidade Federal do Paraná – UFPR

 <https://orcid.org/0000-0003-3496-3131>

andrecapraro@gmail.com

RESUMO: O presente artigo teve por objetivo descrever, por meio de jornais brasileiros, a sociogênese do fisiculturismo de mulheres entre os anos de 1978 e 1999. A pesquisa utilizou metodologia documental baseada no acervo da Hemeroteca Nacional Digital, que permitiu o levantamento e a análise de 68 periódicos brasileiros. As fontes foram selecionadas pelo termo “fisiculturismo” e examinadas em sua integralidade, identificando as dinâmicas iniciais da inserção feminina no esporte. Os resultados apontaram que a presença de mulheres nos campeonatos ocorreu já na década de 1970, anterior ao que indicava a literatura, e que o período estudado foi marcado pela consolidação da identidade da modalidade, pela desvinculação do halterofilismo e pelas controvérsias em torno do uso de anabolizantes e da feminilidade das competidoras. Observou-se também o papel central da mídia na construção de representações sociais sobre o corpo feminino e na promoção do fisiculturismo como espetáculo. Conclui-se que entre 1978 e 1999 o fisiculturismo de mulheres no Brasil passou por um processo de estruturação esportiva, simbólica e midiática, que definiu as bases para o desenvolvimento posterior da modalidade no país.

PALAVRAS-CHAVE: História do fisiculturismo; mulheres no esporte; fontes jornalísticas.

* Doutoranda em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

** Doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná (2007). cursou o estágio pós-doutoral na Università Ca' Foscari di Venezia (2012-2013). Atualmente é professor Associado da Universidade Federal do Paraná. Também é professor permanente do programa de Pós Graduação (mestrado/doutorado) em Educação Física.

ABSTRACT: The present article aimed to describe, through Brazilian newspapers, the sociogenesis of women's bodybuilding between 1978 and 1999. The research used a documentary methodology based on the collection of the National Digital Newspaper Library, which allowed for the survey and analysis of 68 Brazilian periodicals. The sources were selected using the term "fisculturismo" (bodybuilding) and examined in their entirety, identifying the initial dynamics of female insertion in the sport. The results showed that women's presence in championships occurred already in the 1970s, earlier than indicated by the literature, and that the studied period was marked by the consolidation of the modality's identity, the dissociation from weightlifting, and controversies surrounding the use of anabolics and the femininity of competitors. It was also observed the central role of the media in constructing social representations about the female body and promoting bodybuilding as a spectacle. It is concluded that between 1978 and 1999, women's bodybuilding in Brazil underwent a process of sports, symbolic, and media structuring, which defined the bases for the subsequent development of the modality in the country.

KEYWORDS: History of bodybuilding; women in sport; journalistic sources.

INTRODUÇÃO

O presente artigo teve como objetivo descrever a sociogênese do fisiculturismo de mulheres no Brasil (1978-1999). O fisiculturismo de mulheres no Brasil constitui um fenômeno social e cultural singular, que ultrapassa a dimensão esportiva ao revelar transformações profundas nos modos de compreender o corpo, a feminilidade e o desempenho. Entre as décadas de 1970 e 1990, período em que a modalidade se consolidou no país, a presença de mulheres nos palcos de competição gerou tensões entre força e delicadeza, entre o corpo atlético e o corpo socialmente aceito como feminino. O modo como essas tensões foram narradas e negociadas pela mídia evidencia não apenas a história de uma modalidade, mas um processo de formação social e simbólica, o que Norbert Elias (1994) conceitua como sociogênese.

Para Elias (1994), a sociogênese refere-se ao processo histórico por meio do qual estruturas sociais, sensibilidades e formas de conduta se constroem coletivamente, em longos períodos de interdependência entre indivíduos. Ao analisar a “civilização dos costumes”, Elias demonstra que as transformações no comportamento individual, correspondem a mudanças nas relações sociais e nas normas morais. Nesse sentido, o fisiculturismo feminino pode ser compreendido como uma sociogênese do corpo atlético da mulher, resultado de uma lenta reconfiguração das sensibilidades modernas que passaram a associar disciplina, autocontrole e estética muscular à realização pessoal e à autonomia feminina. A exibição pública desse corpo, simultaneamente admirado e censurado, expressa o modo como a sociedade brasileira, ao final do século XX, negociava novos limites entre força e feminilidade, natureza e artifício, recato e exibição.

Considerando a perspectiva histórica, mais se sabe sobre as origens da modalidade ligada aos homens do que as mulheres, tendo como um possível precursor,

Eugene Sandow, Nascido em 1867 na Prússia, que ficou conhecido como o “pai do fisiculturismo moderno”, por tomar a decisão de, partindo de sua admiração pelas estatuas greco-romanas, desenvolver seus músculos a fim de torná-los “perfeitos” (CLEVELAND, 2018). Teria sido ele, então, o primeiro homem a ficar famoso pela hipertrofia muscular, seguido pelo italiano Ângelo Siciliano, nascido em 1892, também conhecido como Charles Atlas (REICH, 2010). Pela fama conquistada, estes dois homens hoje são tratados como os pioneiros do fisiculturismo. Ao se deparar com relatos históricos deve se levar em consideração que alguns casos são movidos pelo chamado “mito fundador” que, segundo Cerri (2001), trata-se da história de origem de determinado grupo criada na busca por uma identidade, passada de forma oral entre gerações que muitas vezes não corresponde com a fidedignidade dos fatos. Nesse caso em específico, mesmo com destaque para estes dois homens, ressalta-se que não necessariamente foram os únicos percussores da modalidade.

Simultaneamente as apresentações destes homens, a exibição da musculatura passou a ser incorporada às artes circenses, assim como o levantamento de pesos, dando força ao que viria a ser o fisiculturismo (exibição do físico) e também do halterofilismo (levantamento de pesos) (SCHWARZENEGGER, 2001). Conhecidos como “*sportsman*” (LOPES; EHREBERG, 2020), os atletas circenses foram desenvolvendo suas apresentações na Europa até se espalhar pelo mundo. No Brasil, o responsável mais conhecido por esse feito foi Zeca Floriano - nascido em 1887, filho do Marechal Floriano Peixoto, Presidente da República entre 1891 e 1894. Floriano consolidou a sua carreira como atleta circense, desenvolvendo seus músculos e participando de diversas modalidades esportivas, chamando atenção no início do século XX (LOPES; EHREBERG, 2020). Foi considerado um dos percussores do fisiculturismo e halterofilismo no Brasil, porém, as aparições das modalidades possuíam caráter de entretenimento e não competitivo, embora não cause estranhamento se iniciativas semelhantes estivessem ocorrendo na mesma época de forma sistêmica pelo país.

Voltando ao contexto europeu, ainda no século XIX, a prática de levantamento de peso passou a ganhar força e se tornar competitiva, criando-se assim o halterofilismo (PINHO, 2020). Este fenômeno, posteriormente, também começou a crescer no cenário americano. Somente em 1904, o halterofilismo propriamente dito chegou ao Brasil, trazido por jovens que ao viajarem ao continente europeu resolveram replicar as práticas halterofilistas em sua terra natal (NEVES, 2012).

Nos campeonatos de halterofilismo passou a ser empregada a premiação de “melhor físico”, valorizando a musculatura construída pelos halterofilistas, como forma de apresentação, assemelhando-se ao fisiculturismo como é conhecido hoje, porém, ainda dentro dos campeonatos de levantamento de peso. Segundo Pinho (2020), em 1930 alguns atletas de halterofilismo passaram a se preocupar mais com a estética de seus físicos se desvinculando do levantamento de pesos e criando o fisiculturismo moderno. O primeiro campeonato ocorreu em 1940, nomeado como “Mister América”, em Chicago, nos Estados Unidos da América (SCHWARZENEGGER, 2001).

Foi, então, a partir de 1940, que o fisiculturismo se tornou uma modalidade independente e em fase de crescimento, porém somente em 1960 veio de fato a criar força e se popularizar (SCHWARZENEGGER, 2001; PINHO, 2020). Segundo Stern (2008), na década de 1960 ocorreu uma revolução *fitness* marcada pela expansão nas academias de ginástica nos Estados Unidos da América, possivelmente contribuindo com o avanço da modalidade. Entretanto, ao se tratar da modalidade de mulheres, o primeiro relato se dá no ano de 1977 nos Estados Unidos da América, data muito próxima ao primeiro relato encontrado pela pesquisadora no Brasil (1978), considerando assim que a modalidade nacional se encontrava atualizada as novidades internacionais.

Ao analisar o contexto brasileiro por meio da Hemeroteca Digital, é possível encontrar artigos de jornais da década de 1970 em diante utilizando o termo “fisiculturismo”, relacionando-se ao fisiculturismo no formato que segue atualmente. No período anterior, os materiais encontrados na mesma plataforma se deram quando associados aos campeonatos de halterofilismo, podendo-se, assim, considerar que a dissociação das modalidades no Brasil se deu pouco antes à chegada dos anos 1970, sendo que o primeiro relato sobre a participação de mulheres nos eventos se deu no ano de 1978. Levando em consideração tal premissa, o objetivo da presente pesquisa consistiu em descrever a sociogênese do fisiculturismo de mulheres no Brasil (1978-1999), para tal adotou-se os percursos metodológicos descritos a seguir.

METODOLOGIA

De acordo com Luca (2008), os periódicos que já foram considerados inadequados para estudos históricos por carregarem em si muitas das opiniões de quem os escreveu, hoje são vistos como importantes fontes de interpretação para historiadores. Barros (2021) acredita que os periódicos são “meios de comunicação” importantes que

podem ser fontes riquíssimas para historiadores e sociólogos que buscam compreender sobre determinados temas, devido à abrangência de assuntos abordados. Assim, considerando os jornais como uma poderosa fonte de acesso às informações, de grande abrangência de assuntos e de fácil disponibilidade, estes foram adotados como fontes da presente pesquisa.

Para tanto, realizou-se uma pesquisa junto ao acervo da Hemeroteca Nacional Digital. A Hemeroteca Nacional Digital tem o objetivo de preservar cerca de 10 milhões de periódicos brasileiros presentes na Biblioteca Nacional (BETTENCOURT; PINTO, 2013). A plataforma foi lançada oficialmente em 2006 disponibilizando versões digitais de documentos originais, evitando manuseios desnecessários e facilitando o acesso as fontes, simplificando também o acesso aos pesquisadores devido à facilidade de localização de temas por meio da ferramenta de busca (GIORDANO, 2016; BRASIL; NASCIMENTO, 2020).

Para a realização da busca foi utilizado apenas o termo referindo-se à modalidade, sem agregar outro termo que fizesse referência exclusivamente à participação das mulheres, para evitar que informações interessantes ao estudo se perdessem. Em pesquisa inicial ao acervo foi observado que termos como “cultura física” e “culturismo”, em maior parte, estavam relacionados aos concursos de estética muscular que aconteciam dentro de campeonatos de halterofilismo, e o termo “fisculturismo” passou a ser empregado após a dissociação das modalidades. Portanto, “fisculturismo” foi escolhido como termo de busca de periódicos para que as fontes trouxessem informações mais diretas em relação à modalidade. A data de início do recorte temporal foi dada a partir da primeira ocorrência encontrada pelo uso de termo referindo-se à participação de mulheres na modalidade, o ano de 1978.

Dentre as três décadas estudadas (1970, 1980 e 1990), a primeira apresentou 11 ocorrências, a segunda 178 e a terceira 218. Todas as ocorrências foram lidas na íntegra e separadas por ano, para que fosse realizada a correlação do material (SILVA; MAIA, 2011). Entraram na análise as ocorrências que, de alguma forma, relacionaram-se a participação de mulheres nos eventos de fisculturismo, ou traziam alguma informação relevante referente aos assuntos levantados, totalizando 68 periódicos incorporados.

ANÁLISE DE FONTES

Ao tratar da modalidade como um todo, o fisiculturismo passou a ser empregado no Brasil, assim como no restante do mundo, principalmente pela influência dos eventos de levantamento de pesos, sejam eles esportivos (NEVES, 2012) ou circenses (LOPES; EHRENBURG, 2020). Na década de 1940, gradativamente, ocorreram dissociações à modalidade com o levantamento de peso e, posteriormente, vieram a se tornar modalidades independentes (PINHO, 2020; SCHWARZENEGGER, 2001). Ao realizar uma busca pela Hemeroteca Nacional Digital, utilizando o termo “fisiculturismo” na busca por períodos de décadas, ocorrências são encontradas seguindo a década de 1970. Em período anterior, com a utilização de termos como “cultura física” e “culturismo”, foram encontradas fontes as quais a modalidade aparece vinculada ao levantamento de pesos, o que leva a crer que no Brasil a dissociação das modalidades teve início pouco antes da chegada dos anos 1970.

A fonte¹ encontrada na revista *Manchete* defende a ideia de que o fisiculturismo chegou ao Brasil em 1942, porém só veio a criar força em 1980, informação que corresponde com as explicações encontradas na literatura (PINHO, 2020; LEÃO, 2015). Entretanto, ao analisar as referências sobre o início da participação de mulheres na modalidade uma controversa entre as notícias e a literatura foi encontrada.

De acordo com Leão (2015), a presença de mulheres nos campeonatos de fisiculturismo no Brasil se deu a partir da década de 1980, sendo que em 1984 aconteceu o primeiro campeonato de fisiculturismo de mulheres no país. Porém, no ano de 1978, o *Jornal do Comércio*² publicou sobre a participação da competidora pernambucana Maria de Lourdes em campeonatos de fisiculturismo. Assim, o *Diário de Pernambuco*³ registrou a participação de competidoras mulheres no “Campeonato Brasileiro” daquele ano, expondo inclusive o resultado das competições de mulheres. Confrontando as informações entende-se que anterior ao período citado pela autora já existia a presença de competidoras femininas se apresentando em campeonatos de fisiculturismo e, inclusive, concorrendo a títulos a nível nacional.

Mesmo com o relato da participação das mulheres desde a década de 1970, ao observar as ocorrências encontradas, entende-se que nem todos os campeonatos de

¹ MANCHETE. ed 1857. 1987, p.60.

² JORNAL DO COMERCIO, 02 de novembro de 1978, p. 5.

³ DIARIO DE PERNAMBUCO, 31 de outubro de 1978, p. 6.

fisiculturismo contavam com a participação de mulheres, pelo menos até a metade da década de 1980, provavelmente pelo baixo número de adeptas. Como exemplo⁴ disso, o “16° Campeonato Brasileiro de fisiculturismo” de 1985, que foi realizado em Porto Alegre- RS, mesmo se tratando de um campeonato expressivo de nível nacional, não apresentou informações sobre a participação de mulheres no evento.

Ainda nos primeiros anos da crescente da modalidade, pareceu comum encontrar em meio às ocorrências confusões entre as diferenças do halterofilismo (levantamento de pesos) para o fisiculturismo (exibição da musculatura). Exemplo disso, o Diário de Pernambuco⁵ trouxe como informação principal em uma notícia que 50 meninas estavam inscritas para participar do concurso de “Garota Verão” de fisiculturismo feminino, porém, no título, encontrava-se anunciado o concurso em parceria com um campeonato de halterofilismo. Nota-se ao ler a ocorrência que não foram avaliados competidores de levantamento de peso e sim de fisiculturismo, o que leva a crer que houve um equívoco quanto à nomenclatura por parte do jornal, equívoco que se repete⁶ em outras ocasiões do mesmo jornal.

Ao chegar o ano de 1986 foi bastante expressivo o número de ocorrências encontradas a respeito da participação de mulheres nos eventos de fisiculturismo, o que leva a crer que foi um ano importante nesse sentido. Iniciando pela notícia da Tribuna Bis⁷ que mostrou o cronograma de atividades ao ar livre em um evento que ocorreu no dia 01 de março de 1986, no Rio de Janeiro, o qual constava entre as atrações apresentações de fisiculturismo feminino e masculino, usadas para chamar atenção do público para o evento poliesportivo. Nesse sentido, o periódico Jornal do Commercio também enfatizou as mulheres nos eventos para chamar atenção dos leitores ao trazer informação que os campeonatos regionais, segundo informações, contariam com a presença de mulheres fisiculturistas. Para atrair para a leitura, o jornal⁸ expõe uma foto das mulheres no palco, expressa na Figura 1.

⁴ DIÁRIO DE NATAL. 01 de novembro. 1985, p.11.

⁵ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 10 de dezembro. 1983, p.16.

⁶ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 14 de dezembro. 1983, p.14.

⁷ TRIBUNA BIS. 01/02 de março. 1986, p.13.

⁸ JORNAL DO COMMERCIO. 01 de janeiro. 1987, p.18.

Figura 1. Fisiculturistas no palco, 1987



Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

Alguns campeonatos também passaram a considerar o fisiculturismo de mulheres como a atração principal dos eventos, provavelmente porque ainda se tratava de uma novidade. Como exemplo disso⁹, um campeonato em São Conrado-RJ teve como atração principal a apresentação das competidoras, em categoria única, que se mostravam maquiadas, com acessórios e pouco volume muscular. Entre elas, a competidora Maria Eugenia, que defendia a feminilidade das praticantes em campeonatos de fisiculturismo. Vale ressaltar que em momento algum foi encontrada na pesquisa qualquer tipo de oposição a prática da modalidade por mulheres no início das aparições, sendo a participação o principal atrativo dos campeonatos nos primeiros anos em que foi incluída aos eventos, principalmente para atrair o público masculino. No entanto gerou ruídos conforme os efeitos virilizantes da prática começaram a se tornar mais intensos e ela deixou de ser atrativa neste sentido.

A Tribuna da Imprensa¹⁰ destacou que 97 competidores, entre homens e mulheres, inscreveram-se para participar do “XII Campeonato Company de Musculação” no Rio de Janeiro-RJ, colocando como expectativa de público cerca de três mil pessoas pelo terceiro ano consecutivo. A expectativa de lotação máxima neste

⁹ JORNAL DO BRASIL. 29 de setembro. 1986, p.34.

¹⁰ TRIBUNA DA IMPRENSA. 26/27 de setembro. 1987, p.11.

campeonato tinha como maior atrativo a competição de mulheres. A competidora favorita ao título seria Maria Eugenia, que havia sido campeã brasileira de 1985.

Já o “Campeonato de Musculação do Rio de Janeiro”¹¹, contou com a participação de 75 competidores, entre eles 16 mulheres, e bateu recorde de público com cerca de dois mil espectadores. O campeonato foi seletivo para o “Campeonato Brasileiro” que foi realizado no dia 18 de outubro de 1986, em Manaus. Neste campeonato, Marlene Faria tornou-se campeã brasileira, disputando com 15 competidoras para um público de mais de seis mil pessoas¹².

Devido ao destaque em vários campeonatos, Marlene Faria era considerada¹³ como a única competidora, entre homens e mulheres, capaz de competir com norte-americanas amadoras, em campeonatos de nível mundial. Essa informação leva a crer que o padrão físico apresentado pelas competidoras brasileiras no período era bastante satisfatório, ainda mais se tratando de uma modalidade em crescimento.

Internacionalmente, o fisiculturismo de mulheres também parecia gerar ruídos aos arredores do mundo. O jornal A Tribuna¹⁴ expôs que na Ásia o “4º Campeonato Chinês” foi o primeiro do continente a permitir o uso de biquínis por competidoras de fisiculturismo feminino. Dúvidas foram geradas a partir da ocorrência citada, sobretudo quanto à existência (ou não) da apresentação de mulheres em campeonatos na região com uso de outras vestimentas. Enquanto isso, a Indonésia se pronunciava proibindo¹⁵ a participação de competidoras mulheres em campeonatos de fisiculturismo, pois acreditava que a prática fazia mal a elas.

O posicionamento da Indonésia, entre outros motivos, fora motivado pelos efeitos gerados pela prática no corpo da mulher, muitas vezes em decorrência do uso de hormônios, como a testosterona, com objetivo de intensificar a estética física das competidoras (HARTGENS; KUIPERS. 2004; BARBOSA. 2021). Tal preocupação também passou a crescer no Brasil. Percebeu-se entre as ocorrências encontradas que existia um receio por parte dos adoradores da modalidade quanto à preservação da

¹¹ TRIBUNA DA IMPRENSA. 29 de setembro. 1986, p.11.

¹² Vale ressaltar que os números apresentados pelos jornais podem ser superestimados, uma vez que as manchetes buscam chamar atenção dos leitores, portanto o público no evento pode ter sido inferior ao informado.

¹³ JORNAL DO BRASIL. 23 de Outubro. 1986, p.35.

¹⁴ A TRIBUNA. 13 de dezembro. 1986, p.13.

¹⁵ JORNAL DO BRASIL. 20 de dezembro. 1989, p.20.

feminilidade das competidoras naquele período. Fonte¹⁶ encontrada na Tribuna da Imprensa falou sobre a representatividade de mulheres em campeonatos, por meio de uma entrevista com um professor de Educação Física, que deixou um alerta às mulheres sobre ficarem masculinizadas pelo uso de hormônios anabolizantes.

De maneira geral, não só na modalidade feminina, mas também na masculina, o aumento do uso de hormônios anabolizantes na modalidade passou em 1987 a gerar mais desconforto. Naquele ano, um congresso de medicina esportiva, nomeado como o II Simpósio Internacional de Medicina Desportiva¹⁷, teve como uma das temáticas de discussão a preocupação com o uso excessivo de esteróides anabolizantes por meio de praticantes de fisiculturismo.

A matéria do *Jornal do Sports*¹⁸ que levou o título de “Musculação: a mania que leva à morte” disse que o uso de anabolizantes estava se tornando corriqueiro no fisiculturismo, apesar de proibido em campeonatos oficiais. Os competidores tinham acesso aos medicamentos sem nenhuma restrição em farmácias e o uso chegava a ser 15 vezes maior do que as doses recomendadas, causando diversos problemas de saúde.

Reforçando a preocupação, a matéria do *Jornal do Brasil*¹⁹, “Os incontroláveis anabolizantes”, mostrava preocupação pelo uso excessivo de esteróides anabolizantes em comunidades de fisiculturistas. Segundo a matéria, os medicamentos eram comprados em farmácias sem a necessidade de apresentação de receitas. No periódico, os competidores entrevistados disseram que todos os competidores usavam, porém nem todos os praticantes de fisiculturismo assumiam o uso. Em entrevista²⁰, o competidor José Inácio Werneck, disse que aconteceu um escândalo de casos de doping nos Jogos Olímpicos de 1988 e que, ao contrário do que se faz pensar, fez aumentar ainda mais o uso de esteróides anabolizantes e hormônio de crescimento no fisiculturismo.

O aumento do uso de hormônios passou a interferir também na participação das mulheres, que começaram a apresentar-se de forma virilizada e com traços masculinos. Para interpretação se faz necessário compreender o contexto de virilidade e feminilidade, assim sendo, a virilidade e a feminilidade são construções sociais que variam conforme o tempo e o contexto cultural. A virilidade está associada à força,

¹⁶ TRIBUNA DA IMPRENSA. 04/05 de outubro. 1986, p.18.

¹⁷ DIÁRIO DE NATAL. 15 de maio. 1987, p.12.

¹⁸ JORNAL DOS SPORTS. 29 de abril. 1987, p.10.

¹⁹ JORNAL DO BRASIL. 28 de setembro. 1988, p.26.

²⁰ JORNAL DOS SPORTS. 23 de dezembro. 1988, p.2.

coragem, autoridade e domínio, expressando-se por meio do corpo e de comportamentos que simbolizam poder e resistência. Já a feminilidade se relaciona à delicadeza, beleza e sensibilidade, reforçando ideais de docilidade e cuidado. Ambos os conceitos refletem normas de gênero e relações de poder que moldam a forma como homens e mulheres são percebidos e representados socialmente (CORBIN; COURDINE; VIGARELLO, 2013).

A revista *Manchete*²¹ comentou sobre os paradigmas sociais impostos na presença de competidoras femininas em palcos de fisiculturismo, levantando os preconceitos sociais pelo qual as competidoras passavam ao serem julgadas como “masculinas”. O periódico *Jornal do Brasil*²² também publicou um texto relatando que as competidoras mulheres sofriam preconceitos por possuírem músculos fortes, ao serem confundidas com travestis. A competidora entrevistada Viviane Werneck Neves, disse que “[...] quem se dedica ao fisiculturismo não pode ter muita vaidade. O número de remédios que se toma para completar a alimentação é enorme, prejudicando seriamente a beleza [...]” e demonstrou interesse em interromper a trajetória esportiva por se sentir mal com sua aparência e com o julgamento social. Em contrapartida, outra competidora entrevistada, Maria Eugenia, falou que se considerava bastante vaidosa e estava satisfeita com sua aparência.

Em outra fonte²³ a competidora Viviane Werneck Neves disse que, mesmo se incomodando com os julgamentos sociais, não sentia arrependimento da prática. Quanto à competidora Maria Eugenia, que era favorita ao título do “8º Campeonato Carioca”²⁴, devido a feminilidade que acreditava ter, demonstrou indignação ao competir com outras duas mulheres (Simone Fonseca e Denise Lourdes) e ficar em pior colocação, pois as outras competidoras entraram com maior volume muscular e foram privilegiadas por este motivo, fato que incentivava ainda mais o consumo de substâncias.

Apesar dos comentários encontrados acerca do assunto, a virilização em mulheres, ao que foi possível compreender na leitura das fontes citadas, não era um fator prejudicial à competidora em quesito de nota e nem era levado em consideração ao consagrar à campeã do campeonato. Aproximadamente a partir de 1989, percebeu-se uma sutil mudança de discurso relacionado ao uso de esteróides anabolizantes. Muitas

²¹ MANCHETE. ed 1910. s/a, p.57.

²² JORNAL DO BRASIL. 15 de maio. 1988, p.19.

²³ JORNAL DOS SPORTS. 16 de outubro. 1988, p.16.

²⁴ JORNAL DO BRASIL. 19 de outubro. 1988, p.22.

vezes competidores negando o uso, possivelmente tentando amenizar a ênfase dada ao assunto e aos escândalos ocorridos em 1988, marcados pelo caso de doping do atleta de atletismo Ben Johnson nos Jogos Olímpicos daquele ano (FUCHS, 1999).

Como exemplo²⁵, o competidor Nelson José Marques, do Pará, contou para o Jornal O Liberal como era sua preparação para os campeonatos de fisiculturismo. Ele disse que passava seis horas diárias em treinamento e se opunha ao uso de hormônios anabolizantes, pois teria visto pessoas morrerem por complicação do uso indiscriminado desses fármacos. Na mesma fonte, a competidora de fisiculturismo Marilena Corrêa disse que se sentia incomodada ao sair de casa, pois sofria preconceitos por ser musculosa e que as pessoas a julgavam como se ela fosse homossexual.

Já na década de 1990, seguindo pelas polêmicas geradas no final dos anos 1980 referentes ao uso de medicações intensificadoras de desempenho, o Correio Braziliense²⁶ enfatizava em periódico que, mesmo com as políticas antidoping, o uso de esteróides anabolizantes continuava a crescer no meio esportivo. O texto usou da fala de um competidor de fisiculturismo que disse não ser possível competir sem o uso das substâncias, pois deixaria a competição injusta, visto que no meio o uso era generalizado. Essa polêmica prosseguiu por toda a década.

O Comitê Olímpico Internacional apontou²⁷ em 1991 a diminuição de 23% dos casos de doping e dizia que o fisiculturismo foi a modalidade em que houve o maior número de detecções, sendo 13,74% em competições e 17,37 % fora delas. Surgiram também denúncias²⁸ por meio dos médicos contra supostos “falsos treinadores” que estimulavam competidores de fisiculturismo ao uso indiscriminado de substâncias veterinárias. A discussão chegou ao conselho de medicina²⁹, que discutiu o aumento exacerbado no uso de esteróides anabolizantes e medicamentos veterinários por parte de competidores, principalmente fisiculturistas.

Devido à ênfase dada ao uso de fármacos eventos passaram a ser promovidos no intuito de conscientizar os praticantes de modalidades esportivas quanto ao uso de

²⁵ O LIBERAL. 23 de maio. 1989, p.41.

²⁶ O CORREIO BRAZILIENSE. 25 de fevereiro. 1990, p.15.

²⁷ JORNAL DO BRASIL. 12 de Junho. 1991, p.16.

²⁸ JORNAL DO COMMERCIO. 27 de março. 1991, p.35.

²⁹ A TRIBUNA. 27 de abril. 1991, p.32.

drogas. No Rio de Janeiro-RJ, um evento deste tipo contou com apresentações de fisiculturismo, intitulado de “Não as drogas, sim ao esporte”³⁰.

No final da década de 1990, a tricampeã brasileira de fisiculturismo, Lúcia Helena³¹, foi a óbito aos 33 anos por complicações no fígado vindas do uso de esteróides anabolizantes. Os anabolizantes permaneciam sendo comprados com facilidade nas farmácias sem a exigência de receitas³² e o seu uso indiscriminado era feito principalmente por parte dos fisiculturistas³³. Segundo a notícia, isso havia “virado moda” pela facilidade de compra e estava afetando a saúde dos usuários. A revista *Manchete* apresentou denúncias sobre o “mercado negro” de hormônios dentro das academias por parte dos colaboradores, falando sobre os efeitos colaterais, os riscos à saúde, assim como os efeitos do uso de medicação veterinária. Foi também colocado em pauta o falecimento da competidora Lúcia Helena: “[...] ela estava irreconhecível quando morreu: além de barba, estava mais inchada e pesada”, segundos as informações ela teria sido suspensa de campeonatos após se recusar a fazer o exame antidoping³⁴.

Os periódicos em geral alertavam que havia um “pacto de silêncio” entre os usuários, que comumente negavam o uso. O *Jornal do Brasil*³⁵ informou que o campeão sul-americano Enzo Perondini “quebrou o pacto” falando sobre câncer de fígado adquirido por ele devido à exposição aos medicamentos. O tabu era tão grande que, após a morte de Lúcia Helena, quando a polêmica caiu na mídia, os jornalistas que haviam comentado sobre o assunto passaram a receber ameaças de morte por parte de outros usuários e pessoas próximas à falecida³⁶.

Poucos meses após, com o assunto ainda em pauta, o brasileiro José Carlos Souza, que ganhou “Mister Universo” na Eslováquia³⁷, disse em entrevista que nunca havia feito o uso de esteróides anabolizantes³⁸. Possivelmente a fala do competidor condiz com o tabu gerado no período, marcado pelo falecimento de Lúcia Helena.

³⁰ JORNAL DO BRASIL. 19 de Dezembro. 1991, p.79.

³¹ JORNAL DO BRASIL. 08 de Setembro. 1999, p.21.

³² JORNAL DO BRASIL. 16 de Maio. 1999, p.105.

³³ JORNAL DO BRASIL. 08 de Setembro. 1999, p.18.

³⁴ MANCHETE. 18 de setembro. 1999, p.18-21.

³⁵ JORNAL DO BRASIL. 08 de Setembro. 1999, p.18.

³⁶ JORNAL DO BRASIL. 09 de setembro. 1999, p.20.

³⁷ JORNAL DO BRASIL. 29 de novembro. 1999, p.21.

³⁸ JORNAL DO BRASIL. 29 de novembro. 1999, p.25.

Em relação aos padrões estéticos aos quais os competidores se apresentavam, também conhecidos como categorias, as divisões de fisiculturismo até então se davam por peso e altura, porém o padrão de desenho muscular era o mesmo para todas as divisões. Geralmente, as categorias eram: leve, média e pesada, podendo também haver a categoria juvenil ou júnior, para competidores de pouca idade (menores de 21 anos)³⁹. As ocorrências encontradas levam a crer que as subdivisões de categorias não seguiam uma regra e aconteciam conforme a demanda, pois nem todos os campeonatos possuíam divisão entre categorias femininas, por exemplo, que, em alguns casos, apareciam como sendo categoria única⁴⁰, e em outros sendo divididas por pesos. Como exemplo disso, A Manchete⁴¹ apresentou os resultados do campeonato “Ibero-Americano” com fotos dos competidores, dentre elas, de uma mulher, Viviane Werneck Neves, citada anteriormente, competidora da categoria pesada (ou seja, categoria que englobava mulheres mais musculosas), exposto na Figura 2.

Figura 2. Competidora Viviane Werneck Neves entre os competidores homens



Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

A “Academia *Spartakus*” do Rio Grande do Sul, conhecida por incentivar as mulheres a praticarem o fisiculturismo, dizia lutar para acabar com os preconceitos que ainda existiam⁴². Os preconceitos aconteciam principalmente pela exposição das

³⁹ JORNAL DO COMMERCIO. 08 de março. 1988, p.14.

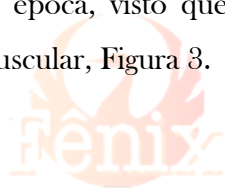
⁴⁰ DIÁRIO DO PARÁ. 26 de agosto. 1989, p.21.

⁴¹ MANCHETE. ed 1910. s/a, p.53.

⁴² O PIONEIRO. 25/ 26 de novembro. 1989, p.69.

competidoras ao uso de substâncias intensificadora de estética e por se tratar de poucas, ou inexistentes, divisões nas categorias femininas. A falta de categorias fazia com que as competidoras tendessem a estar cada vez mais fortes e definidas nos palcos, levando-as muitas vezes a perder as formas características da mulher. Foi então que nas dinâmicas do fisiculturismo de mulheres, nos anos de 1992 e 1993, foram encontradas informações relevantes sobre o surgimento de uma nova categoria, que teria o objetivo de proporcionar as competidoras se apresentarem de forma mais feminina e delicada do que as fisiculturistas estavam se apresentando anteriormente.

Iniciando pelo concurso de beleza “Garoto e garota verão 93”⁴³, que contou com a participação de competidoras de fisiculturismo, dessa vez considerando as demais características das competidoras que não somente o corpo. Surgiram também competidoras apresentando silhuetas mais delicadas, como Cátia Nogueira que havia vencido um campeonato de estreantes. Observando as fotos anexadas da competidora na revista *Manchete*, percebe-se a participação de competidoras mais delicadas quando comparado aos padrões representados pelo *Bodybuilding* feminino, categoria em vigor na época, visto que Cátia apareceu nas fotos⁴⁴ com pouca marcação e pouco volume muscular, Figura 3.



www.revistafenix.pro.br

Figura 3. Cátia Nogueira, 1993



Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

⁴³ O FLUMINENSE. 27 de março. 1993, p.12.

⁴⁴ MANCHETE. 10 de julho. 1993, p.69.

Fato que pode ser explicado pelo surgimento da categoria “miss Fitness”⁴⁵ em 1992, colocado como categoria extra⁴⁶, além das categorias femininas, Baixo e Alto. Acredita-se que se tratava de uma categoria mais delicada, dedicada a mulheres que gostariam de exibir a boa forma sem apresentar muscularidade evidenciada.

Em 1995, um evento sobre estética corporal feminina incentivou as competidoras com premiação em dinheiro. O “Concurso Fitness de Beleza Feminina”⁴⁷, realizado no Rio de Janeiro-RJ, dizia não se tratar de fisiculturismo, pois levaria em conta a beleza e a sensualidade das participantes. A vencedora do concurso receberia uma premiação em dinheiro de R\$ 500,00 e teria sua foto publicada na revista “Músculo e Força”. Fato interessante da informação foi a necessidade que surgiu de avaliar o físico junto com a beleza geral, o que não acontecia nos campeonatos de fisiculturismo.

No período também ocorria aumento na aparição de homens musculosos em filmes, o que chamava atenção dos telespectadores para a modalidade (PINHO, 2020). Posteriormente ao crescimento da indústria *fitness* na década de 1980 (MILLINGTON, 2016), o corpo hipertrofiado era exibido nos cinemas, com isso, especialmente na década de 1990, algumas mulheres competidoras ganharam destaque pela mídia. Apesar de a brasileira Rita Amaral ter ganhado o título de vice-campeã do “Mister Universo” em 1989 e, conseqüentemente, ter sido a primeira brasileira a se destacar no exterior⁴⁸, e ser considerada em 1994 pela Federação do estado de São Paulo como a melhor competidora de fisiculturismo feminino⁴⁹, quem realmente recebia os holofotes, tanto pela indústria televisiva⁵⁰ como por meio de jornais e revistas, era a competidora Betty Tessuto. A mídia criada em torno da competidora ia desde sua carreira competitiva até assuntos íntimos, como sua vida sexual⁵¹, ficando claro que, de fato, existia um interesse midiático por trás da figura da competidora, que chegou a ser banida das competições por 30 dias por “falsa identidade”, após dizer ter sido tricampeã brasileira⁵².

⁴⁵ JORNAL DO BRASIL. 25 de Julho. 1992, p.74.

⁴⁶ JORNAL DO BRASIL. 16 de Outubro. 1997, p.67.

⁴⁷ JORNAL DOS SPORTS. 20 de março. 1995, p.8.

⁴⁸ JORNAL DOS SPORTS. 12 de dezembro. 1989, p.10.

⁴⁹ A TRIBUNA. 19 de novembro. 1995, p.24.

⁵⁰ FLUMINENSE. 26 de julho. 1995, p.14.

⁵¹ MANCHETE. 20 de novembro. 1994, p.57.

⁵² JORNAL DO BRASIL. Ed 00149. 1993, p.82.

Os títulos ao qual a competidora se referiu pertenciam a Danusa Marques, que se manifestou dizendo que a mídia criou a situação para promover Betty Tessuto e proporcioná-la patrocínios⁵³. Em defesa, Betty Tessuto alegou que houve um equívoco por parte da matéria quanto a suas titulações: “Havia dito que fui tricampeã paulista” e julgou Danusa Marques dizendo ter inveja de sua “genética privilegiada”, apontando que a competidora caiu em exame antidoping internacional no ano de 1989, porém o caso foi abafado pela federação carioca⁵⁴.

O interesse da mídia pela modalidade começou a incomodar pessoas que não sentiam apreço pelo padrão estético. A escritora Shua considerava o fisiculturismo, principalmente o de mulheres, um dos “mitos impostos pelos meios de comunicação”, pois a modalidade era bastante explorada pelas emissoras de televisão⁵⁵. Explicação que pode surgir em notícia do *Jornal do Commercio*⁵⁶, que fez referência ao ideal muscular grego, como defendido por Eugene Sandow (CLEVELAND, 2018), falando também da influência dos atores musculosos dos filmes lançados no período para aumento da procura por salas de musculação. Como explicado por (PINHO, 2020), a notícia expõe o incômodo de pessoas que não são envolvidas com o excesso de cuidado com o corpo e vaidade por parte dos praticantes de fisiculturismo.

Quanto à especulação referente ao acesso dos patrocinadores pela mídia, até o ano de 1995, dentre as ocorrências encontradas quando se referiam a patrocinadores, estes em nada se vinculavam com a modalidade, ou seja, sem que houvesse ligação dos patrocinadores com os produtos utilizados pelos competidores nas preparações, como por exemplo, o patrocínio de uma autopeça⁵⁷. A falta de vínculo entre as empresas e as modalidades explica boa parte da falta de incentivos financeiros do período, o que, de acordo com Leão (2015) era o principal motivo que levava as competidoras à desistência. Apesar de encontrada em algumas ocorrências campeonatos com premiações em dinheiro⁵⁸, não era comum a extensão dos prêmios às categorias femininas⁵⁹, ainda assim essas premiações eram apenas simbólicas e não geravam a possibilidade de os

⁵³ JORNAL DO BRASIL. Ed 00170. 1993, p.118.

⁵⁴ JORNAL DO BRASIL. Ed 00184. 1993, p.123.

⁵⁵ FOLHA DE HOJE. 03 de fevereiro. 1992, p.10.

⁵⁶ JORNAL DO COMMERCIO. 05 de julho. 1993, p.16.

⁵⁷ A TRIBUNA. 01 de outubro. 1991, p.15.

⁵⁸ O PIONEIRO. 09 de junho. 1995, p.38.

⁵⁹ A TRIBUNA. 15 de dezembro. 1990, p.14.

competidores viverem exclusivamente da modalidade, ou seja, era tido exclusivamente como hobby.

Como exemplo disso, entre 1991 e 1994, a competidora Mirian Neves apareceu em diversas ocorrências⁶⁰ pedindo ajuda de patrocinadores⁶¹ para competir em campeonatos internacionais⁶², porém não obteve sucesso na busca. Segundo a competidora, a falta de incentivo a impedia de competir em níveis mais avançados da modalidade. Entretanto, mesmo sem patrocínio, ela seguiu competindo e ganhando títulos, por exemplo, vencendo a categoria pesada do “Campeonato Brasileiro” de 1998⁶³, repetindo o título de campeã paulista em 1999⁶⁴.

Por outro lado, a competidora Mônica Martins, em 1994, foi classificada para o “Campeonato Mundial” na Suécia e o “Campeonato Ibero-Americano” na Colômbia e disse que não poderia participar dos eventos por falta de patrocinadores⁶⁵. Posteriormente, a competidora apareceu vinculada a uma marca de suplementos vitamínicos chamada “*Mega-ProInternational*”⁶⁶, provavelmente empresa que veio a ajudá-la devido o pedido anterior. Logo após, ela ganhou dois campeonatos internacionais, o “Campeonato Sul-Americano” e o “Campeonato Ibero-Americano”⁶⁷ e foi considerada pela Federação nacional, em 1996, como a melhor competidora mulher de fisiculturismo do Brasil. Naquele ano a competidora participou do “Campeonato Mundial” na Itália⁶⁸, o qual ficou em quarto lugar, sendo a primeira fisiculturista brasileira a ficar em boa colocação neste campeonato⁶⁹.

Em 1995, o jornal A Tribuna colocou a modalidade como carente de patrocinadores⁷⁰, porém, foi encontrado nesse ano fontes dessa primeira vinculação de uma competidora da modalidade com uma empresa de suplementação alimentar. Em

⁶⁰ A TRIBUNA. 01 de março. 1991, p.12.

⁶¹ A TRIBUNA. 27 de setembro. 1993, p.16.

⁶² A TRIBUNA. 11 de julho. 1994, p.23.

⁶³ A TRIBUNA. 11 de outubro. 1998, p.21.

⁶⁴ A TRIBUNA. 26 de novembro. 1999, p.19.

⁶⁵ A TRIBUNA. 28 de abril. 1995, p.17.

⁶⁶ A TRIBUNA. 01 de agosto. 1995, p.16.

⁶⁷ A TRIBUNA. 19 de novembro. 1995, p.24.

⁶⁸ A TRIBUNA. 01 de setembro. 1996, p.23.

⁶⁹ A TRIBUNA. 04 de novembro. 1996, p.20.

⁷⁰ A TRIBUNA. 13 de setembro. 1995, p.18.

1999, o “Mister Santos” teve o apoio da empresa de suplementos “Integral Médica”⁷¹. Essas foram as únicas ocorrências encontradas que vincularam campeonato de fisiculturismo, com empresas patrocinadoras, podendo-se considerar que o fisiculturismo veio a ser de fato comercializado a partir da década de 1990.

CONCLUSÃO

Ao analisar as fontes encontradas pode-se perceber uma pequena discordância com a literatura quanto ao primórdio da participação de mulheres nos campeonatos de fisiculturismo, sendo possível concluir que na década de 1970 já havia mulheres participando dos campeonatos no Brasil. Além disso, o período estudado foi marcado pela formação identitária da modalidade e o processo de desvinculação com as organizações de halterofilismo, sendo comum encontrar ocorrências as quais os nomes das duas modalidades estivessem sendo tratados como sinônimos, ou sendo confundidos.

Outro assunto que se sobressaiu foi o incomodo sentindo por algumas competidoras por terem adquirido traços masculinizados, devido à utilização de substâncias intensificadoras de estética. Substâncias essas que se popularizaram no meio após o episódio de doping nos Jogos Olímpicos de 1988, que fez com que o assunto entrasse em ascensão, passando a ser conhecido, procurado e discutido.

Além do aumento gerado pelo escândalo olímpico, as fontes apontaram que a popularização também ocorreu devido à facilidade de acesso à compra em farmácias, de forma legal e sem receituário médico. Entretanto, alguns competidores passaram a negar o uso, criando um “pacto de silêncio”, após episódios de óbitos entre competidores usuários serem noticiados pela mídia. As polêmicas que perduraram pela década de 1990 vieram a cogitar a hipótese de mudanças nas categorias do fisiculturismo de mulheres. Alguns eventos incorporaram uma categoria alternativa no ano de 1992, nomeada de “Miss Fitness”. A categoria era dedicada a mulheres que pretendiam exibir boa forma sem apresentar musculatura evidente, similar ao que viria a ser oficializado posteriormente. Além disso, ocorreu à aparição de concursos de beleza para mulheres bem treinadas, que além de avaliar o físico também julgavam a beleza de forma geral, o que não acontecia nos campeonatos da modalidade. Entretanto, a diferenciação de padrões conhecidos hoje só veio a ocorrer após a virada do século XX para XXI, mais precisamente no ano 2002, com a chegada de novas divisões de categorias femininas,

71 A TRIBUNA. 13 de setembro. 1995, p.18.

explorando também a diferenciação de formato estético entre as categorias e avaliando a beleza facial das competidoras (LEÃO, 2015), o que fez crescer a aceitação da modalidade pelo público geral.

O período estudado (1978- 1999) também foi marcado pela evidência midiática sobre a modalidade, devido à aparição de atores musculosos, principalmente no cinema. Entretanto, a modalidade não contava com vastos patrocinadores. Raras foram as ocorrências encontradas as quais os competidores possuíam algum vínculo de patrocínio, sendo que, até o ano de 1995, quando havia patrocinadores envolvidos, essas empresas em nada se aproximavam do segmento fitness. De acordo com as fontes encontradas as agregações das empresas de suplementos alimentares só vieram acontecer ao final do século XX. Tais empresas incorporaram a modalidade no século XXI, e passaram a ser as principais responsáveis por financiar eventos e competidores (JESUS, 2017; ROBERT; FILHA, 2016).

Com isso pode-se concluir que o período estudado foi marcado pela formação identitária da modalidade, desde a sua desvinculação com o halterofilismo até a necessidade de se expandir criando categorias femininas e vinculando-se a marcas patrocinadoras. Além disso, o período foi taxado por polêmicas, principalmente sobre o uso de substâncias medicamentosas por parte das competidoras. Relacionando-se a participação de mulheres, por até então se tratar de uma novidade, muitas vezes era usada como chamariz pela mídia e pelos próprios eventos.

REFERÊNCIAS

ALMENIDA, Marcos Antonio Bettine; GUTIERREZ, Diego Monteiro; GUTIERREZ, Luiz Gustavo. O doping e os Jogos Olímpicos: Diferentes dimensões do fenômeno. **Revista USP**. São Paulo, v.1, n.108, p.77-86. 2016. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/biblioteca/o-doping-e-os-jogos-olimpicos-diferentes-dimensoes-do-fenomeno/>. Acesso em 14 de jun. 2024.

BARBOSA, Ozenilde de Jesus Pinheiro. **Efeitos prejudiciais provocados pela utilização de anabolizantes esteróides androgênicos (EAAs) em mulheres de fisiculturismo**. Centro Universitário UNDB. São Luiz- MA. 2021.

BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso de jornais como fontes históricas- uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa de História**. Rio de Janeiro, v. 52. n.1. p. 397-419. 2021. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/rph/article/view/8691>. Acesso em 13 de jun. 2024.

BETTENCOURT, Angela Maria Monteiro; PINTO, Monica Rizzo Soares. A hemeroteca digital brasileira. **XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, documentação e ciência da Informação**. Florianópolis- SC. 07-10/jul. 2013.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernando. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.33. n.69. p.196-219. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/XNJJWhFFzPKdkhF6cyj5BJv/>. Acesso em 12 de jun. de 2024.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Editora Contexto. 2011.

CERRI, Luiz Fernando. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da História. **Revista de História Regional**. v.6, n.2, p. 93-112. 2001. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2133>. Acesso em: 15 jun. 2024.

CLEVELAND, K. Eugene Sandow's "Grecian Ideal" and the Birth of Modern Body-Building. **Philomathes**. 2017. Disponível em: <https://www.apsu.edu/philomathes/ClevelandPhilomathes2.12018Online.pdf>. Acesso em 01 jun. 2024.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. História da virilidade: a invenção da virilidade – da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2013.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FUCHS, Peter M. Diagnosis in track and field performances past the 1988 Ben Johnson doping scandal. **Mathematical methods in the Applied sciences**. v.22, n.15, p. 1351-73, set. de 1999. Disponível em: [https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/\(SICI\)1099-1476\(199910\)22:15%3C1351::AID-MMA85%3E3.0.CO;2-N](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/(SICI)1099-1476(199910)22:15%3C1351::AID-MMA85%3E3.0.CO;2-N). Acesso em 01 jun. 2024.

GIORDANO, Rafaela Boeira. **Do jornal a ciência: Hemeroteca Digital Brasileira como fonte de informação para pesquisa científica**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

HARTGENS, Fred; KUIPERS, Harm. Effects of androgenic- anabolic steroids em athletes. **Sport Med**. v. 34, n. 8, p. 513-554, 2004. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15248788/>. Acesso em 12 jun. 2024.

JESUS, Diego Santos Vieira. “Vem monstro!”: suplementação alimentar e masculinidade hegemônica em perfis de homens fitness no Instagram”. **Recorde**. Rio de Janeiro- RJ, v.10, n.2, p. 1-14, dez. de 2017. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/Recorde/article/view/14335>. Acesso em 01 jun. 2024.

LEÃO, Cíntia Vianna. **A exclusão da categoria bodybuilding feminina nos campeonatos de fisiculturismo: uma análise inicial**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre- RS. 2015.

LEÃO, Cíntia Vianna. **Pioneiras do fisiculturismo no Rio Grande do Sul: fatores motivacionais para a adesão ao treino e as competições**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre- RS. 2015.

LOPES, Daniel de Carvalho; EHRENBERG, Mônica Caldas. Entre o pódio e o picadeiro: O *sportsman* circense Zeca Floriano. **Revista História da Educação**. v. 24, p.1-29, 2020.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Pinsky, C. B. (org.). Fontes históricas. **Editora Contexto**. São Paulo- SP. p. 111-153, 2008. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-federal-de-rondonia/teoria-da-historia/luca-tania-regina-de-historia-dos-nos-e-por-meio-dos-periodicos-in-pinsky-carla-bassaneziorg-fontes-historicas-2ed-sao-pauloeditora-contexto-2008-fichamento/13233528>. Acesso em 02 jun. 2024.

MILLINGTON, Brad. Fit for presumption: interactivity and the second fitness boom. **Media, Culture & Society**. v. 38, n. 8, p. 1184-200, abr. de 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/301581414_Fit_for_prosumption_interactivity_and_the_second_fitness_boom. Acesso em 05 jun 2024.

NEVES, Thiago Gonçalves. **Primórdios do halterofilismo e do fisiculturismo no Brasil**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre- RS. 2012.

PINHO, Marcelo Vitor Benicio. Origem e desenvolvimento do fisiculturismo: uma análise fílmica. **UNICEPLAC**. Brasília-DF, 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. v.5, n.10, p. 200-21. 1992. Disponível em: <http://www.pgdf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em 06 jun. 2024.

REICH, Jacqueline. The World's Most Perfectly Developed Man: Charles Atlas, Physical Culture, and the Inscription of American Masculinity. **Men and Masculinities**. v.12, n.4, p. 444-461, jun. de 2010. Disponível em: https://research.library.fordham.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1000&context=comm_facultypubs&httpsredir=1&referer=. Acesso em 10 jun. 2024.

ROBERT, Ana Paula; FILHA, Elza Aparecida Oliveira. Ativação de patrocínio: uma análise do evento Arnold Classic Brasil 2016. **XVII Congresso de Ciência da Comunicação na Região Sul**. Curitiba- PR. 2016.

SCHWARZENEGGER, Arnold. **Enciclopédia de fisiculturismo e musculação**. Editora Artmed: Rio Grande do Sul. 2001.

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores**. v.5. n. 10. 19p. jul.-dez. de 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/284753974_Analise_de_cobertura_jornalistica_um_protocolo_metodologico. Acesso em: 13 jun 2024.

STERN, Marc. The Fitness Movement and the Fitness Center Industry, 1960-2000. **Business and Economic History**. v.6, n.1, p.1-26, 2008. Disponível em: <https://thebhc.org/fitness-movement-and-fitness-center-industry-1960-2000>. Acesso em: 15 jun 2024.

Recebido em: 29/06/2024
Parecer dado em: 05/08/2024